

# O sétimo livro de elegias

Márcio de Lima Dantas  
Caixa Postal 1694  
59078 – 970 Natal RN  
Fones: 3219 2237 99860849  
[mdantas7@bol.com.br](mailto:mdantas7@bol.com.br)

# **O sétimo livro de elegias**

Márcio de Lima Dantas

**Para Tana, amiga,  
nos seus oitenta anos.**

*In memoriam*

**Francisco Moacir Leite da Silva (12.10.1969 – 16.12.2000)**

*Inferno, eterno inverno, quero olhar  
De frente a gorja em fogo da elegia*  
Mário Faustino

*Faltam teus olhos com ilhas, marés, viagens, povos,  
tua boca, onde a passagem da vida  
tinha deixado uma doçura triste,  
que dispensava palavras.*

Cecília Meireles

## I

### De uma espera que não traz em si nenhum arcano

De uma espera que não traz em si nenhum arcano,  
assim como se fosse virga antiga da mais bruta pedra,  
quedada justo em sua medida de cumprir obrigação:  
é desta que falo. De um aguardo sem fim,  
que me contém em sua primogenitura,  
e, resguardando-me,  
trancou-me com suas chaves de inviolável luto.

Sabendo muito bem que nenhuma palavra secreta abrirá  
suas tantas portas, lavradas em mármore com ferrolhos de bronze  
e aldavas soldadas pela ferrugem das intempéries,  
tampouco ninguém em generosidades de palavras  
arranhará a espessura da matéria lapidada,  
entregue sem que eu demandasse.

Assim me foi outorgado  
o estado destas seguras paredes,  
sem a bonança de um eco,  
sem a possibilidade de ceder através dos muros  
(se por acaso eu a isso pretendesse),  
ou minúsculos cinzeis com que pudesse esculpir formas  
de mim não conhecidas, garatujas, mas que, pelo menos,  
nas manhãs, poderia contemplar o trabalho,  
acompanhar o serpentear de uma linha,  
imaginar metáforas  
para um risco, tocar com os dedos as frestas,  
provar com as unhas a textura dos sulcos de salitre  
perpetrados pelo tempo.

Logo eu, que nunca estive em forja nenhuma,  
nunca alui na minha cabeça assanhar águas paradas,  
— longe de mim atirar de ameias ou  
derrubar muralhas com trombetas —,  
tampouco acompanhei-me de mestres-oleiros  
ou escultores competentes,  
para cinzelar fachadas mais hodiernas.

Agora, também, só o já dizer que nada poderei declarar.

Só isso

já me exaure as horas.

## II

### Estava cansado, logo que o trem se aproximou

Estava cansado, logo que o trem se aproximou.  
Nesta plataforma,  
permanecia minha espera,  
já que eu, quedado em algum lugar,  
inerte se recusava a partir.

Vim como que arrastado pelo calendário,  
pingando suas datas comemorativas,  
destituídas da primeva substância  
que a fez matéria de festa.

Os trilhos desbotados declaram a natureza do futuro.  
Qualquer latitude detém sempre os quatro elementos.  
Não poderia deixar de assim pensar,  
pois o horizonte se encontrava cheio  
de navios fundeados,  
carcaças do que outrora fora devaneio de migrante.

Como fazer para sair de um lugar repleto  
de retratos de mortos,  
com livros plenos de dedicatórias,  
com caixas cheias de antigas cartas,  
com porcelanas pertencentes a antepassados?

Como descascar a pátina imposta pelo tempo,  
se em parte outorga-me, ela, a identidade,  
com a qual percorro os dias?

Acontece que lá,  
quedado inerte,  
permaneceu  
parte dos vitais que animam meu ser;  
não porque quisesse,  
mas por uma estranha ulterior necessidade,  
cujas raízes respiravam nas tortuosas profundezas,  
sítios escuros nos quais pulsos mesclados imperavam  
seus maquinismos autônomos.

### III

#### Quase todo mundo que eu conheci estava de partida

Quase todo mundo que eu conheci estava de partida.  
Entre o temor e a condescendência,  
o conhecimento se fazia.  
Com medo de perder a amizade,  
esquecia um possível contato físico,  
delineado no onírico suor do corpo.

E era na pressa as palavras ditas,  
restritas quase sempre à sorridente máscara polida,  
afirmativamente balançando seus infundáveis sins  
do que, muitas vezes, nem prestei atenção.

Pouco tive o prazer de partilhar com outros  
urdidos nos mesmos tinteiros,  
pouco pude impetrar as naturais  
podas do face-a-face fecundadoras das raízes pivotantes,  
que sentem os tantos aromas da terra e verticalizam  
os sacrários preciosos,  
guarnecidos pelas necessárias defesas  
de quem se sente ímpar e prescinde de feitores.

Mulheres habitantes de ilhas distantes  
acompanharam-me ao aeroporto.  
Travados acenos incompreendiam a situação.  
Adeuses impressos em pupilas verdes confirmavam a definitiva partida.

Homens me disseram: “pena que nos conhecemos justamente  
quando você estava de partida”. “Então, do longe, enviarei cartas”, respondia  
(a maior parte nunca foi sequer escrita; verdade nunca sabida da fronteira entre o engodo e  
a necessidade de preencher momentâneos e entusiasmados tempos de silêncios).

Halos de saudades deixavam intactos o indelével.  
E foi assim que o convívio instalou-se nos umbrais  
de casas cerradas, nas quais flores se derramavam pelas janelas.  
E como permitir que o outro chegasse naquela fimbria do gostar  
em que minha boca soletrou vogais e consoantes?  
Mesmo porque eu não conseguia arrumar meus sentimentos,  
nem que quisesse.

Restou-me sempre conviver com os sorrisos  
dos retratos enviados em ocasiões festivas,  
ou com imagens amarelas de festas natalinas

ou aniversários com família reunida.

Cartas ágeis, em imaginárias grafias, detinham  
a avalanche de mim que se desdobrava  
em múltiplos gládios marciais,  
tecendo o que supurava em pensamentos e palavras  
ditas surdamente ao caminhar no meio da rua,  
ao conduzir automóveis mecanicamente crendo na sorte,  
ao sentar-me em bancos de praças desertas,  
ao embaçar os óculos nas sombras dos passantes.

O cansaço deixado pela partida me deixava à vontade  
para buscar locas de mim. Vã tentativa de chafurdar  
nos cernes onde os estios suavam travos de amargos licores.

Flâmulas de obrigatórios azuis cintilavam,  
adornando de ocre a última cor de alguns crepúsculos.

O que podia eu fazer, senão aquiescer,  
no timbre da voz, no gesto da cabeça  
que contemplava os arabescos do mosaico?

## IV

### Dos insensatos estas naus

Dos insensatos estas naus,  
para sempre atados, nunca em porfias,  
mas de deliberada bonança por regatos sob,  
escondidos sóis secretos (lunar era o íntimo,  
bastando o engano aos outros).

Resguardando, em grandes arcas de madeiras de lei,  
os segredos fincados nos torneios sintáticos de caprichosas  
vírgulas, e oração principal nunca dita,  
terceirizando a primeira pessoa em vorazes máscaras alheias,  
em falsos auto-retratos de poetas, músicos e pintores mortos.

Cativo nas malhas das palavras tecidas de propósito,  
fuga tecida em inúmeras albas,  
saltando uma ou outra para resolver papéis do cotidiano,  
distraindo-se no metrô em pálidos sorrisos,  
encantando-se pela fonética das conversas,  
ludibriando interlocutores com acenos afirmativos da cabeça.

E assim o foi até agora, também o será sempre,  
nunca os convexos cumes empíricos graduando o exato número  
do adjetivo, assanhando as águas tranqüilas,  
conseguidas por meio do áspero ofício  
de domar as fronteiras  
entre uma e outra.

Eis minha tarefa:  
vergar a gratuita primeira,  
na bigorna plena de labaredas, queimando as mãos,  
para depois discorrer sobre as feridas.

## V

### Para que o desejado repouso chegue a cada manhã

Para que o desejado repouso chegue a cada manhã,  
é que retiro todas as vestimentas associadas  
a tua presença, guardo-as nesse imenso armário  
com uma só cópia da chave,  
dos tantos fracassos palmilhados,  
como quem se refugia em pátria outra,  
obrigado a suspender os avisos, as portarias, as cartas  
plenas de literatura, algumas sem destinatário.

Também aí acumulo as chagas alheias,  
dores partilhadas no compromisso de quem ama,  
de quem não houve escolha por se estar perto,  
de quem o amor angustiava-se nas pequenas recusas,  
de gestos bem intencionados.

A ferrugem outorgou a nova ordem,  
ao domar a época da obrigatória.  
Do vermelho destioravam-se pedaços,  
cascas ressequidas com marcas de esperma,  
salgados suores recendendo a trabalho,  
lascas de lágrimas petrificadas, nunca vertidas.

E tu, ó alma medrosa, donde te fizestes  
tão atormentada com a solidão?  
A substância do teu dia nunca foi minha voz.  
Eu nunca te disse que adestrava as horas, só aparentei distância  
nessa máscara de indiferença cingida no rosto.  
Tudo não passava de fingimento, bocas feitas para ataviar  
minhas tantas tristezas, logro para ansiosos olhos alheios.  
Eu, ainda e sempre tosco, adornado com os enfeites do passado,  
nascido em sertões anônimos, criado em serões à vista.

## VI

### Nesta parede da esquerda

Para Edileusa

Nesta parede da esquerda,  
imprensada entre os quartos,  
lugar de passagem,  
ficarão só antigos retratos dos mortos,  
(quando ainda jovens), isolados,  
pois eu não quero nenhum olhar suspenso,  
ditando-me estribilhos cobertos de poeira.

Os demais retratos, os últimos, com seus vincos  
dos infundáveis malogros acumulados,  
permanecerão guardados em coleções tituladas  
por palavras vagas, em caixas pretas de espesso papel.

Já me são suficientes as constelações  
de vozes e olhos riscados na pele do meu corpo,  
não os quero ainda mais como testemunhas  
desses inumeráveis momentos de tantas porfias  
entre o que declaro de mim e o que realmente sinto.

E quando ao telefone reconhecer vozes familiares,  
amolarei as palavras nas lâminas de aço,  
conduzidas sempre no bolso esquerdo,  
repetirei refrões, distraíndo-os,  
como quem diz canções vulgares decoradas desde outrora,  
desde aquele tempo em que me ungi com a pele curtida  
de uma experiência muito mais de dentro que de fora,  
querendo proteger-me daquilo que não me dizia respeito,  
ripunando esquisitas formações de cristais impostos à minha frente.

O certo é que me vi obrigado  
a assinar em cima de linhas hirsutas  
rubricas em trêmula letra preconcebida,  
para o gáudio dos engenhos e das artes  
evoladas das fardas idênticas de uma maioria,  
senhora de robustos alicerces e platibandas.

## VII

### **Agora, deste momento em diante**

Agora, deste momento em diante,  
tudo se firmará sobre a véspera,  
e as pompas fúnebres, pertinentes à memória,  
doarei como esmolas a quem do mesmo extraiu sofrimentos.

Agora nada será escrito senão em grafite,  
caligrafias adequadas aos rápidos instantes em que  
cada sorriso não tomara corpo, sequer frutificara  
num cartão postal de poucas linhas preguiçosas.

Agora não mais terei tempo de lembrar,  
posto que os preparativos preenchem o dia  
em seu teatro de mãos mecânicas,  
ritual necessário para alimentar a luz do sol.

Agora os relógios doarão suas horas puras,  
marcas inevitáveis de ritmo pulsando  
em direção ao oco do além. E eu, testemunha  
insone na cumprida madrugada, aguardando  
os primeiros sinais da alba, com seu sumo de luz,  
para aquietar meus nervos.

Os fojos serão desarmados.  
Agora não mais precisarei de ti,  
— as tantas máscaras de ocasião —  
repetirei os mesmos cansaços numa gramática  
adequada ao fenecido.

Agora.

## VIII

### Por que tu não escutaste o que dizia os oráculos

Por que tu não escutaste o que anunciava os oráculos.  
Em cada porta havia um signo de mau augúrio  
assinalado em cinza. Mesmo assim avançastes  
em teus propósitos, nau plena de fraturas,  
consertada com o piche negro que antes fora lágrima.

Ah, mas quem consertará a indelével marca de nascença?  
A que ambiciona o caos, a que busca se destruir por si;  
suicida arrastando os próximos para o abismo sem gozo,  
náufrago recusando identificar os pássaros negros no azul,  
chegando em ilha deserta e riscando na areia o desenho de um corpo,  
que tem os contornos do seu próprio: ilusório espelho de criança.

Porque muito se tem dito — búzios urravam nas auroras — e pouco ou nada  
de gestos alheios traziam a marca do autêntico,  
o sinete da longevidade.

Os elementos diziam de contratempos. A seca passou de um  
ano para outro, imprimindo nos anais do tempo  
o vigor de uma desgraça que mil lençóis virgens, de cambraia, rasgados em pedaços,  
não seriam suficientes para enxugar tanto sangue, pus e lágrimas.

Por que não viste o automóvel que bateu na contramão?  
Estavas cego, tu?  
Por que não prestaste atenção no que disse o poeta,  
que “os deuses vendem quando dão”?

Os sinais negros fervilhavam nas esquinas,  
e quando a cartomante traçou o baralho,  
apareceram mil pontos indecisos na sua voz,  
suplicando que o exílio imprimiria uma viagem sem retorno,  
que partes de ti quedariam-se por lá. E o pior:  
permanecerias manco para o resto da vida.

Agora nenhum advento se imantará,  
com indumentárias novas por fazer,  
pois, da messe do porvir, os segadores  
decapitaram todos os botões florais.  
E cada manhã permanecerá sempre prenhe  
com o desassossego dos membros,  
assim como olheiras — nescas do espírito — de concentrado absinto,  
supurando vergonhosas platibandas verdes.

## IX

### Nenhum senso de oportunidade

*quando amadurece  
a hora*  
Orides Fontela

Nenhum senso de oportunidade,  
*Kairós,*  
quer para a aquiescência, quer para a recusa,  
terá no presente do fato o translúcido capaz de apontar  
em que direção os vetores escorrem suas forças afirmativas,  
construtos de altos muros fortificados e com ameias,  
deixando entrever o que se passa no alheio, sem a ameaça do estrugir  
das vozes e dos olhares purpúreos daqueles que despertaram  
em mim os cavalos enraivecidos da ira.

Mirando-me no brilho da navalha,  
perguntei em sincera unção acerca da  
possibilidade de domar ou inverter o curso das desgraças,  
sabendo muito bem da força e da frieza do Destino,  
o muito sempre *condottiero*, acenando para lugares  
nos quais a vista não alcança, empurrando a linha ao longe  
em direção às fronteiras de cerrações. Não vou negar que também  
sabia do jogo que Ele alterna nas mentes, dizendo-se  
detentor de mistérios contidos em sacrários.  
Eis a luz incapaz de ofuscar os que detêm nas retinas  
fótons da mesma qualidade: o tabernáculo está vazio.  
O Mestre não dispõe de verônicas, lenços ou túnicas de luto.  
O Mestre cultiva seu próprio trigo, habita moradia suficiente.

Foi então que tudo se tornou oráculo.  
Cada despertar era arear os sentidos para receber o vaticínio.

De tanto havia, de quantos consultados:  
baralho, vôo dos pássaros, pegadas na areia,  
ranhuras nas minhas mãos, alfarrábios de magia,  
moedas encontradas fortuitamente nas esquinas,  
serviam apenas para urdir tenazmente frágeis leituras  
de meras coincidências, não mais que isso.

Estou só.      Estamos nós.      Estão eles.

## X

### O dia solda com seu calor as dores

Para Socorro, irmã

O dia solda com seu calor as dores  
nos contrafortes da memória.  
O que de hierático ainda me resta  
aposta todas as cartas  
nos restolhos de sentimentos sem nome.

Pouco ou quase nada, assim posso afirmar,  
pois sucumbi a uma espécie de indiferença,  
parecida com aquelas das obras de arte,  
quedadas em sagrado silêncio.

Só que a inquietude soprou nas labaredas  
dos meus músculos, deixando-me fatigado  
a qualquer esforço. Por isso me canso,  
por isso nem sempre consigo saber  
a origem da indisposição: se da alma, se do corpo.

E se muitas vezes contemplo os passantes  
que caminham em suas ânsias sob o sol,  
alguns com passos firmes nas ruas movimentadas de sorrisos,  
é só por tentar adivinhar qual deles a mim se assemelha.

## XI

### Hoje é aquele dia

Hoje é aquele dia.

Não o dois de novembro, geral e de todos,  
obrigando a lembrança dos mortos que o cotidiano  
varre para debaixo das furnas da memória,  
permitindo que a enzima da melancolia faça parte dos objetos,  
e de todo e qualquer sentimento das imagens colecionadas  
na pressa e no ritmo do ciclo de um sol.

Quero dizer daquele meu dia dos mortos,  
horas nas quais me detenho sacudindo as mantilhas negras do luto,  
perscrutando o grau de sorte, a razão de uma breve presença,  
o acaso de alguém ter sucumbido num átimo de tempo,  
ou a áspera indiferença com que alguns se distanciam  
do próximo.

Meus mortos chegam sem que eu os invoque.  
Meus mortos obrigam-me a peregrinar em seus túmulos.

Instalam-se nas xícaras de café e nos tantos cigarros,  
aquecendo de lembranças os fumos aliviados,  
rememorando as cores baças de passados sudários.  
Meus mortos instalam-se intactos,  
riscando-me com suas insistentes interrogações,  
demandando-me respostas,  
sem que eu detenha a chave dos arcanos.  
Meus portos não me perdoam a pressa e as desculpas  
de uma espécie de vida que todos justificam.

E não deixo de pensar e de me dobrar  
sob aqueles que não conseguiram  
ajustar seus desejos às vontades impiedosas do mundo.  
Os que se foram me chegam nítidos, pranteando explicações  
nem sempre ao meu alcance. O que é que eu sou  
para cumprir a lide de torneiar uma resposta?

Como se não bastassem as semanas com seus trabalhos,  
enfeixando os dias em molhos de tempo,  
ainda me chega a nódoa fosca dos defuntos,  
dizendo-me que aquele que morreu,  
incólume,

sou

eu.

## XII

### **Bendita, doce morte, certeza que me alegra**

Bendita, doce morte, certeza que me alegra.  
Não faria a mínima questão de me alimentar de Ambrósia,  
proporcionando uma vida de rosto imaculado,  
estampado com as cores que dão imoto refrigério à vida.

Ancho me encontro na mansuetude desse azougue  
que me atrai para o seu horizontal descanso,  
regulado mais ou menos o retângulo do meu corpo,  
com suas paredes areníticas,  
capazes de anular minha forma em pouco anos,  
e sem que o tempo lá fora perca sua dinâmica,  
seu ritmo, seus sopros de descaso e ironia  
para com os que permanecem sob a luz solar.

Só de quando em vez é que me triscam certas lascas de jaspe,  
querendo, em sua semitransparência, saber-me o encarnado  
das paixões, do apego à vida de todos os dias,  
de cordatas pessoas conhecidas,  
de respostas insossas ao corpo. De vez em quando, só.  
No restante, é a ginástica dobrando os apelos das sereias coloridas,  
dos anúncios em olhos cheios de promessas.

Alguns simulam conhecer regiões pelágicas,  
outros narram anedotas,  
e ainda um tanto constroem leques  
com os quatro naipes do baralho.

### XIII

#### Os dias com seus trabalhos sem pausa

Para Tácito Costa

Os dias com seus trabalhos sem pausa.  
Sim, a labuta que força o corpo a revelar seu derradeiro sumo,  
tirania de escansões, lapidando calhaus,  
esquecendo o valor das primícias,  
retirando a mansuetude dos músculos e dos lábios.  
Impondo o mando de extenuar a forma,  
que não consegue acompanhar a velocidade dos dias fabricados  
com seus maquinismos de prensa. Sem dúvida para olvidar  
a pele descascada das ilusões, cujo mínimo sopro de brisa acentua  
a dor.

Ah, os dias. Sempre os dias  
no seu retorno de impiedosas restituições.  
E que só servem, parece, para retirar a tisna do tempo borrada da minha máscara.  
Muitas vezes, quando acontece de levar chuva,  
sinto na boca o acre do que não sou.  
Então ripuno em covardias.

A paciência não é atributo dos dias.  
Um sol sucede outro mesmo sol.  
Que ninguém se engane: a vespertina luz atenuará apenas as cores,  
porque os pensamentos permanecerão em vigília.

Grandes arcas segredarão pensamentos e vontades.  
Nunca direi a ninguém quanto tempo levei  
para construir a lápide com o epitáfio grafado  
em letras de bronze derretido, circunscrevendo  
seu próprio lugar com a temperatura do verde líquido.

Se eu sei do azinhavre que em pouco tempo  
leves intempéries imprimirão às letras?

Pensas tu da ingenuidade de não ter retido, eu,  
luz entre ávidas mãos desde antanho?

Não, só eu sei o preço da chave,  
e a conduzirei entre as mãos trespassadas,  
voluntariamente, pois o cristal mais precioso  
adormecerá com meu desprezo por tudo

o que me foi outorgado.

E quando ao telefone reconhecer vozes familiares,

alguém estará ?

alguém dirá ?

alguém avisará ?

Ó vozes, digei-me para que eu conte em inumeráveis mãos  
a quantidade dos mortos, dos que vão arranhando seus vestígios pelo meu corpo,  
marchetando-me de lembranças.

Amolarei as palavras na lâmina de aço  
que conduzo sempre no bolso esquerdo,  
repetirei refrões distraíndo-os,  
como quem diz canções descoradas.

Desde aquele tempo em que me ungi com a pele curtida  
de uma experiência muito mais de dentro que de fora,  
querendo proteger-me dos elementos  
não selecionados por mim.

Assinei embaixo rubricas em trêmula letra preconcebida.  
Lancei-me em projetos já os sabendo ruínas.

Quisera eu nunca ter ido além de um simples cumpridor  
de horas íntegras, quebradas apenas pelo latir  
de um cachorro ao longe.

## XIV

### O dia em que nasci

O dia em que nasci,  
assim como Jó ou Camões, não o amaldiçoarei.  
A Vida habita-me com suas serifas, fazendo papel de adornos.  
Também de um ou de outro sintoma, assim como se fossem retalhos,  
construo uma idéia de mim, retenho nuances em tinteiros,  
para, de quando em vez, esboçar sobre a tísia das horas,  
um compasso mais altivo, uma inflexão de consoantes e vogais,  
um rosto cujos ângulos o magnetismo serrou as arestas,  
deixando entrever o vertical e o fecundo de um imo  
acostumado aos acenos das regiões pelágicas.

Só eu sei o quanto custa contemplar a rosácea,  
marchetada de lábaros em diversos formatos,  
para compor geometrias contrárias ao que me apraz  
como estética, para definir os intrincados meandros  
por onde devo estender-me nas obrigatórias quadras  
nas quais devo amoldar-me,  
para, enfim, bordar no paciente bastidor  
do desespero plácido um semblante de ausências.

Queda-me o cansaço dos muitos dias,  
no qual os trabalhos das horas,  
sem quietude da minha alma,  
atira-me para regiões fronteiriças a mim mesmo.

Em algum perdido momento,  
dobrou-se o tempo.  
Espessas camadas de um material que nunca soube dúctil  
revelou sua maleabilidade.  
Então o sumo de uma manhã escorreu docemente  
pelo discreto sorriso emanado dos olhos.  
E eu fiquei prazenteiro, assim como se fosse menino.

No mais, nunca sequer pude me adiantar,  
estacionado em cinzas, cuja quentura  
apenas encarceravam  
as duradouras cismas  
manietadoras  
dos pés.

## XV

### Que se esgotem todas as tristezas

Para Toinha Benjamin

Que se esgotem todas as tristezas.  
E o vento de uma manhã,  
de um cristal sem vestígios de madrugada,  
faça revoar para alhures as mantilhas do luto,  
com seus arabescos em relevo, obrigando mementos.

Vigorem os Homens das palavras,  
decalcadas do anverso da carne,  
mesmo que não passem de abstrato azul,  
evolando-se sem direção ou fim,  
entretendo as marcas de punhais antigos  
ou os pequenos cortes mais recentes,  
quer ranhuras nas mãos, quer calos nos pés.

Mas não muito, também, os muros de pedras dos dias  
atraem-me para a contemplação e a carícia,  
no lugar onde o granito é mais dúctil  
ou se esfarela nas ávidas unhas,  
cujos músculos latejam suas encarnadas vontades.

Nem que quisesse, assim o poderia  
abandonar a condição de possuir sentidos em permanente guarda.

Ao ocre que me cerca, atiro esmolas,  
pago apenas o tributo necessário para permanecer inteiro.

Pouco, muito pouco, pelo outro.  
Fecho o diâmetro do meu corpo, para que o meu espírito  
não anuncie seus reclames com insistentes exposições  
daquilo que nem sou,  
na verdade.

## XVI

### Do que ou como era

Do que ou como era,  
ninguém me avisou.  
Ninguém apontou o lugar no qual o lodo  
acumulara seu verde intenso, surpreendendo-me em cada queda.

As notícias chegaram tarde. Cartas se extraviaram pelos caminhos.  
Recados foram esquecidos.  
Hiatos erguiam-se como deuses zoomórficos,  
estruçando ironias, distribuindo atrapalhos.  
Oráculos consultados, perante meu desespero,  
diziam de enganos a mentiras, apontavam errados aceiros a seguir.

Andando a esmo, estranhamente deparei-me  
com adagas nas mãos e palavras com crostas  
de carvão incandescente sob proposital terna cinza.

Ó ira dos meus dias! Ó cólera não escolhida!  
O que fiz dos frutos servidos capciosamente  
nas salvas do destino?

Seria interessante, então, justificar-me,  
outorgando aos provérbios àquilo que se achegou sem prévio aviso?  
Ah, mas assim seria demais,  
onde estaria eu, em que labirinto robustos muros,  
erguidos sem prumo, impediriam o encontro com o elmo e o escudo,  
artifícios de antemão sucumbidos diante de indiferente granito?

Sei não, o que verbalizar do que sei, mas não alcanço:  
fruto sumarento no alto do arbusto, inalcançável devido  
à fragilidade dos galhos.

## XVII

### Também do amor falarei

Também do amor falarei.  
Não pelo sinete da censura alheia,  
que sempre demanda aos poetas tratar do assunto.  
Mas por uma imanente necessidade de confortar-me com os caracteres impressos  
no branco da página passada,  
que, por menos meditada que seja, em anônimos olhos,  
sacode qualquer vestígio de mofo,  
além do mais, sempre se soube do poder de morte da sintaxe edificada metáfora,  
substituindo algos, logos ou alguéns.

Que ninguém se engane,  
pois o Amor, nos dias de hoje,  
quase não rima com o léxico registrado nos dicionários herdados da história.  
Tampouco é possível escrevê-lo em maiúscula.  
O jeito de se aproximar assemelha-se em sua geometria a uma tangente,  
pois o desgaste é tamanho que qualquer tentativa de perfurar seu “coração”  
atrita sua forma de ranhuras, asperezas e pontas aguçadas.

Ora, era só o que faltava, quando todos tacitamente sabem do fadado que estão  
os retratos carbonizadores dos olhares sorrindo em presentes,  
e que no porvir serão rasgados ou sinuosamente recortados,  
lançando fora das lembranças o que cognominara — pueril — de “felicidade”.

A verdade é que muito perdi com os meus amores,  
tanto tempo, quanto espaços simbólicos,  
por isso exilei sua dinastia,  
proclamando a Razão como títere  
dos territórios fronteiriços ao afeto e ao gostar  
(mesmo sabendo muito bem que permaneceria, eu, como eminência parda,  
mesmo tendo a exata medida das tantas velas votivas  
que bruxuleiam no meu quarto de dormir).  
De toda maneira, aquietei-me.  
Há tempos que os candelabros do desespero  
não acendem suas tochas,  
que anjos com espadas de ressaca moral  
não invadem recintos da minha alma,  
que não dou de comer a unicórnios nem centauros.

Seria mentir se não dissesse do diadema  
tecido na roca e no fuso da espera,  
retesado nos olhares em que sentado nos cafés e restaurantes  
angulo os entornos, assim como se me fizesse alvo  
de um eventual prenúncio de empatias,  
haja vista minha rota e quebradiça humanidade.

Saibam todos que jamais me banharei no Lethes,  
mesmo sendo proprietário de um conjunto de ânforas  
contendo sêmen, sangue, suor e lágrimas,  
mesmo detentor de séries de álbuns plenos  
de desenhos que esboçam o vulto de arrependimentos,  
porém a Vida, a árvore verde da Vida de Fausto,  
burila tenazmente nos meus cansados músculos  
uma sombra de repousante brisa marinha.

Muito pouco, porém suficiente para acalentar os vazios de onde  
retiraram lascas de mim,  
de onde o vivido talhou um rosto duro e franco,  
isentando o olhar, que permanece quebrantado  
e jubila a dinâmica dos automóveis  
ou de quando acendem as luzes dos postes ao entardecer.  
Mesmo amolando cismas, permaneço apreciando o cortejo de signos  
que dizem respeito a tudo o que é humano,  
a tudo o que supura existência, conhecimento, faculdade, idéias.

Em síntese, só tenho *cavacos* para um débil fogo,  
mas que me bafeja fumos de oloroso incenso,  
velando os sentidos,  
iluminando a senda na qual tateio indecisos pés,  
buscando recolher a espuma salpicada  
pelo brilho de hesitantes estrelas,  
que, por ventura, erguer-se no horizonte  
de um claro dia de fortuna, acaso e confluência.

## XVIII

### Quando o que nem começa

Quando o que nem começa,  
forma natimorta às profundas regiões lançada,  
não mais como o intacto da expectativa,  
esboçada no desenho de uma ponte, cuja argamassa  
ardia fecundada pelos louros e suas labaredas,  
incandescendo o espírito de uma ilusória alegria.

Quando o sacrário da quimera foi entreaberto,  
percebi a aldrava enferrujada,  
descascando o limo petrificado,  
rangendo a cantiga do aprendiz de marinheiro,  
e evolou-se a fragrância de estigmas envelhecidos,  
reavivando cicatrizes adormecidas em leitos de *never more*.

Teimoso, eu, jurara, outrora, com a prudência  
e com a vigília, conquistar a planície da luz  
e sua paisagem de mesmice, imprimindo nas retinas  
a tranqüilidade da seta acertada no ponto visado.

Mas, apostar sempre no pior seria furtivamente  
dedilhar o alaúde do fracasso  
(em suas notas mais do que conhecidas).  
Por vezes, então me humanizo, colhendo etéreas flores  
da seara do entorpecimento e  
do lugar no qual a dor e seus semblantes  
adormecem nos prados da simulação e do faz-de-conta.

Por que sempre salpicar sal na chaga, se um dia não se perde  
nem se ganha para a morte, posto que o esquecimento a tudo aguarda  
nos seus alvos lençóis de um linho encardido?

E por que não dizer: “levanta, tu, cobre-te com o manto  
furta-cor da ilusão; crê que respigar perdidos grãos de trigo  
farão um alvo pão para o café da manhã; então te entreterás  
um pouco com os licores, incensos e frutos do que sabes  
mais do que ninguém cheios de vazio e desordem”.

Fios de ópio escorrem pelo meu corpo,  
sem sequer deixar uma mancha na epiderme baça.  
O ofício de sonhar não mais encontra operários.  
Os arquitetos de Babel voltaram-se para o mundo,

entretêm-se entre vinhos, corpos e produtos da terra,  
colhidos na última safra.

Ninguém quer pastorear nuvens.

Quase todos esconderam os espelhos atrás de pesadas cortinas.

Mesmo os tufos da Morte permanecem abandonados nos umbrais das residências.

Quando o que nem começa,

exemplo, a letra meditada

trazendo o desenho e o número da sua serifa,

é porque o gerado acena para o afogueado

e para o caos.

## XIX

### Comigo me desavim

*Comigo me desavim,  
sou posto em todo perigo;  
não posso viver comigo  
nem posso fugir sem mim.*  
Sá de Miranda

Comigo me desavim,  
sim, isso mesmo: comigo me desavim.  
Então, desde muito, abandonei  
a possibilidade de lapidar a superfície do que pensava como âmagô.  
A epiderme do meu ser, nódoa de estigmas e afluentes,  
acumulou limos, suores, dominós, fadigas do ofício  
de lutar contra o que se urdiu como máscara alheia  
sobre minha ilusória vontade de determinar  
o exato timbre da fortuna soprada no risco de lábios em ruínas.

Ai de mim, que já não posso emendar as duas pontas  
da cesura,  
obrigado a restar, a me expor em versos,  
aprisionado em tomos, expostos em prateleiras esquecidas,  
de livrarias que nunca vendem,  
de bibliotecas anônimas.

De quando em vez, uma certa quietude estampava-se no meu rosto,  
ao ver fatos no cotidiano, mesmo ao ouvir relatos de terceiros,  
contudo, o zelo era mirrado, ancha estava minha máscara,  
indiferente aos últimos baluartes de apelos,  
das incipientes resistências, findas como lumes sem vigor.

A Vida fulgurava na sua espiral autônoma e alargadora,  
desfazendo os últimos cercados, trincando os derradeiros jardins,  
indiferente às pontuais resistências dos ancorados  
no cais da memória ou dos ébrios bebedores de antigos luxos,  
regulando mais ou menos a espessura de uma amizade  
ou costumes de cordatas discrições.

O certo é que a desavença, com o nem sabido se era  
mesmo o âmbito e a espessura do que tomara corpo,  
confortou-se tal indumentária bem cortada.

Foi aí que me dei conta  
da tamanha inimizade comigo mesmo,  
dos renitentes embates nas arenas instaladas em clareiras  
pouco afeitas à luz. E o pior: de saber o inimistado como  
a própria tintura vermelha circundante em veias salientes  
nas altas frentes, que o passar dos dias expunham-me  
ao olhar alheio, sim, o signo na soleira denunciava  
a permanente batalha no claustro que tentei estampar  
nos traços do rosto como se fora fortificações de um mosteiro.

## XX

### Estranha hora

Estranha hora,  
a que me detém sobre o que,  
de chofre,  
irrompe como torres de um xadrez apontando a via reta  
dos ásperos caminhos que conduzem à memória.

Eis o obrigativo de revolver-me,  
aquém da piedade das desavenças, ranhuras no couro curtido  
do que insiste em permanecer intacto, independente dos espessos  
tomos nos quais anoto, inutilmente, a agenda de eventos  
só em parte vividos ou escritos em caligrafias inseguras.

Sei muito bem, ao olhar as marcas no meu corpo,  
dessa necessidade pré-existente, dessa inevitável tarefa,  
desse acerto de contas no comprido rosário de estações  
não edificadas por mim, mas pela passagem por espaços,  
por pausas e purgas, sem sequer o nome grafado na fachada.

## XXI

### Do silêncio e dos seus entornos

Do silêncio e dos seus entornos  
até que poderia arrastar-me,  
meditativo e circundando o âmbito de cada área.  
Acontece a dificuldade da coisa quando mesclada  
de nuances tantas quanto a infinidade dos números.

De toda maneira, guardo em antigas arcas  
os envelhecidos, porém nítidos papéis do concreto,  
como se fosse uma espécie de inventário do visto,  
dissecado pela cal viva de quem se acha na obrigação  
de a tudo cercar com um glossário conhecido.

O regime do silêncio queda-se  
para os depositários dos ácidos sabores,  
advindos das parcas possibilidades dos sentidos conhecidos.  
Homens vergados  
sob o peso de exercícios e experiências,  
insatisfatórias como honras tardias,  
ou como quem se demora desenhando a mesma estampa  
em intermináveis dias de cismas e inércias,  
lançando para a imaginação  
o que entende como a vera vida  
(mesmo sabendo muito bem a impropriedade  
do que nunca, no zênite, as retinas alcançarão).

A propósito dos que são conhecidos como calados,  
simulando lautas canduras,  
devo dizer que não acredito muito não,  
pois desvios, máscaras e artifícios  
nos dizem respeito o tanto quanto  
alternâncias de sóis e de luas desde os confins.

Menino,  
eu sei muito bem  
as usanças do próprio ao que se cala,  
sei da sua aridez e dos seus alinhavos,

(só eu sei),

do peso e da manha.  
Do peso quando grita surdo,  
qual anjos decaídos,  
atirados às masmorras sem direito de defesa.

Das manhas quando lança seus laços e linhas às fronteiras  
da dissimulação e das incompreensíveis covardias  
(coisa tão rutilantemente humana).  
Seria inútil continuar inventariando as variantes das fitas e dos enfeites  
que o humano cultivava buscando colher variegadas flores de imposturas.  
Prefiro falar de umas tantas criaturas.  
Sim, do que, como disse Rilke,  
tem a página escrita como uma necessidade.

Então, és tu, poeta, o corsário atávico com sua nau,

acuado

na enseada no qual aportam para ficar  
os mártires, os nervosos, os loucos e os santos.  
Vou dizer o que penso, meu amigo,  
meu pareceiro franqueador do que rumas de gentes fazem questão de olvidar,  
do que a turba idealiza num pensamento conjunto,  
aglomerando-se nos atalhos  
que jamais conduzam ao espaço onde o sol descansa seu estático zênite.  
Pois mesmo sabendo o quanto custa lustrar alumínios,  
igual às domésticas,  
para servirem de espelhos,  
adentram pelos riscos de portar flâmulas  
representantes de pelágicas regiões,  
habitadas por sombras, penhascos e fios de aço oferecidos como estradas.

O certo é que na vida ainda não inventaram nada de melhor  
(no sentido do que apraz aos santos Espíritos)  
para os assinalados no corpo e na mente  
com os símbolos votivos demandados  
pelos significantes-radicais livres,  
produzidos pelos homens nos seus embates  
com o que não é simples nem tampouco único.  
Eis o sabido: viver.

Ó palavra, palavra, redime os acuados  
em estros de linguagem,  
os que, guardiões do fogo,  
sentinelas das dores transfiguradas em frases de cadências eufônicas,  
assim como se fosse uma capacidade, digamos, de impedir  
o desprender-se inútil das flamas  
da permanente marca de ferro da obrigatória frágua nutrida  
nas bigornas marteladas por Cronos e Saturno (a mais nefasta trama).





## XXIII

### O corpo existe como escultura da alma

O corpo existe como escultura da alma.  
A vivência esculpe cada tributo em afiados cinzéis,  
numa paciência surda e exata,  
qual agulha bordando as cores,  
em permanente trabalho sem se indagar de onde partiu a ordem,  
sem nunca saber das razões pelas quais a forma  
deva espelhar os arabescos em todos os ângulos e tiques.

Se alguém duvida, basta ver o compasso de pernas  
no calçamento dos assoalhos,  
ou cartografar a infinidade de gestos  
seguidores do timbre da voz revelando a natureza vera  
de íntimos aléns, nem sempre reconhecidos ao espelho.  
De quando em vez, presságios assomam de chofre,  
silentes, escorrendo em regatos de ligeira consciência,  
deixando-se durar o tempo para que prestimosas defesas  
acudam com suas flexas de mortalhas, verônicas e pesadas cortinas de medo.

À carne parece que só coube mesmo  
ser a arena onde os desejos e paixões da alma  
encontram franco espaço para contendidas  
num corpo-a-corpo ancestral e atroz,  
luta sem descanso ou interlúdios,  
de fora a fora percorrendo os tempos que se dure sobre o húmus, quedado na expectativa.

Talvez o pior seja saber da ausência de bússolas  
nos pés e nas mãos, deixando-os a esmo,  
percorrendo rumos onde feixes de vetores com diversas texturas  
sobrepõem suas forças indomáveis,  
numa selvageria de avançar,  
capeando prados desconhecidos,  
ou mesmo seguindo aceiros que não lhes dizem respeito.  
O certo é que o rumo inexoravelmente está situado entre um ponto cardeal e outro,  
nunca as linhas retas se encontram firmes sobre dormentes.  
Não é de se admirar que o corpo por vezes esteja  
desconfortável em brenhas de esquisitas formações rochosas e revestidas  
por limos escorregadios e habitadas por um bestiário  
que faz ascender do sopé dos verticais abissos  
os medos sem explicação e as opulentas covardias.

Ah, mas seria injusto não reconhecer  
a dimensão de usanças e prazeres  
do corpo-a-corpo sobre leitos,  
tempos exíguos, sim, mas produtores de arquivos plenos de memórias,  
capazes de arrastar secretas urnas com cinzas mornas de aprazíveis  
sabores e delgadas vertigens, perdurando como prêmios íntimos,  
e que ninguém pode nos roubar.

Então as contendas agora passam a ser  
disputas de quem melhor presenteie  
dádivas e mimos por meio da saliva, do esperma, do suor, da palavra sussurrada  
nas sombras ou mesmo sob a luz solarenga, mesmo que os corpos  
resguardem um tanto de clandestinidade.  
E se escalar os íngremes flancos dos compridos e estreitos desfiladeiros  
impostos pela Vida implica manusear mágicas ou preitos,  
nada mais é que artifício para tomar um pouco de ar nas janelas quadradas dos cárceres  
existentes à força e que não adianta trincar com facas de querelas,  
posto que não fomos nós que escolhemos.

É assim que, mesmo enredados nas gazes tecidas por aranhas  
pré-existentes a nossa queda no mundo,  
os sentidos buscam o sal e as especiarias,  
atenuando o insosso e o insalubre,  
superando os fastios e o fastígio dos numerosos dias  
com seus somatórios que geram sempre parecenças.

De resto, a sabedoria nunca perderá a soberana obrigação  
de sentar-se em confortável assento ao nosso lado,  
franqueando o pensar os eventos,  
decalcando a pele do fenômenos e chupando  
o doce sumo de paciências e aprendizagens.

## XXIV

### Quando das multidões e suas impacientes datas

Quando das multidões e suas impacientes datas,  
nos calendários escritas em destaque,  
desprendem-se necessidades de estar juntos,  
impondo aos dias um halo ilusório  
de vultos, sorrisos, conversas, olhares,  
fazendo crer e haver na pedra de uma jornada uma vívida novidade,  
porém, no fundo tateiam o gosto da língua e a encontram insípida,  
igual ao próprio gosto da pedra,  
é que inventam, o ajuntamento de gente, um istmo de dignidade  
que funciona como espécie de ponte entre cada impaciente solidão.  
Então o dolente e insuportável uno vem a ser turba,  
assim como se fosse uma coral verdadeira em suas bem vincadas cores,  
entoando cantigas de ação de graças para o que,  
no fundo,  
não passa de permanente e inalterável desassossego  
de arquetípicos prometeus e sísifos acorrentados  
nos dias abundantes de horas a serem inevitavelmente salmodeadas.

Nesses momentos, rostos remotos não alcançam  
esconder a poeira e o ocre dos subúrbios,  
ou mesmo as roupas com suas dobras  
recendendo a inaugurado e novo,  
suando as tristezas e as dores  
de próprias destilarias, que,  
como todo mundo sabe,  
nunca houve remanso permanente em alheias vidas,  
mesmo as poucas hosanas  
já trazem na sua aura de pressa  
o travo amargo de raízes adventícias,  
nascidas à revelia de quem quer que seja  
(é suficiente estar vivo).

E quando o contato dos físicos gera fomalhas,  
esquisitas formações trazendo vestígios de pactos com sombras  
acenam seus estandartes para motins,  
tumultuando os ares,  
impedindo o sono de uns poucos justos (dos que aquiescem fumando nos jardins internos  
ou nos pátios adornados de flores e pássaros),  
gerando no seu fragor supremos enganos e ilusões  
que nada fazem a não ser selar o dia com cansaços.

## XXV

### Eis a última elegia na página derradeira aposta

Eis a última elegia na página derradeira aposta.  
Em todos os múltiplos de sete é que  
sinetes de escribas fatigados derreteram a cera  
no próprio carimbo de antigo sangue misturado a lágrimas,  
em coágulos escondidos nos recônditos ângulos  
do espírito arranhado pelo tempo.

Se assim a claridade dos dias tivesse o hábito  
de permitir o olho fixo no outro, a voz não hesitante no responder  
ou as mãos firmes na faculdade de operar o natural gesto  
de quem conduz nos autênticos dedos genuínos o que quer que seja,  
aí, sim, saltérios, tambores e flautas irromperiam  
seus belos cavalos, robustos no despontar qual manhã esperada para a boda.

Ah, mas como deter correntes de rios para deltas junto a um oceano?

Não pude sequer me adiantar,  
contratando tintureiros para de púrpura ou anil  
aformosear a romã íntegra e sem aroma  
(embora sabendo dos arilos translúcidos e nobres,  
cativos numa secreta espera de rubi, indiferentes à luz exterior).

Do pouco livre permitido, cultivei plantas aromáticas  
e especiarias de longes terras,  
restrito jardim podado para que não ultrapassasse  
a altura de uma timidez congênita,  
parecida com adaga aparando eventuais brilhos  
do que, por ventura, adviria das minhas imanências.

Só não saberia dizer a exata medida do círculo  
de cada decisão sob o signo de Libra,  
desfalecendo o vigor e deixando inquieto os animais no prado  
onde meu corpo deveria lançar acenos à quietude.